

O Natal já passou e agora, mudou alguma coisa? Onde é que nos perdemos!? – Por Rosa Fonseca

written by Rosa Fonseca | 28 de Dezembro, 2023



E foi Natal há uns dias. E a melancolia, a dor e a alegria, vão-se dissipando e tudo volta ao seu ritmo. Os momentos de fragilidades sentidos pela saudade de quem já não se senta à mesa e o caos que grassa pelo mundo, dão lugar a outros dias, aqueles que ficaram em suspenso nas luzes da cidade.

Voltamos então às ruas, às calçadas, às sombras que se avolumam contra as esquinas.

Vivemos de passos segmentados, adormecidos e sem caminho. Nada nos leva ao lugar, onde o corpo se enteneça e ganhe chão. Perdemos-nos no desfalecimento dos dias encurtados pelo

silêncio e lágrimas acumuladas.

No Natal há um outro silêncio, umas outras lágrimas, diferentes do que nos impõem os dias.

Diante dos nossos olhos, toda a amargura e desencanto correm como um filme a preto e branco, onde vemos corpos arqueados e percebemos que somos atores nas mesmas cenas. Que a alegria da manhã prometida se esbateu. Tudo se vai perdendo ao longo de horas rasteadas, arrancadas a esta luta desenfreada entre a incompreensão e a intolerância e tantas outras coisas, que fazem murchar as nossas rosas. Desfazem-nos o estuário onde pernoitávamos o corpo.

É tanto o que nos finta os dias! Sentimos a vida dormente, sem paixão, entusiasmo e objetivos.

Quem nos engoliu os sonhos, em que terra os enterrámos!?

Receio que já não encontremos chão onde mexer os pés, alargar o passo ou deslizar por um sorriso pronto, capaz de segurar o tempo no seio e de apertá-lo, tornando-o casa. Como a casa numa noite de Natal.

Receio que vivamos apenas as sobras de uma quentura antiga.

É tanto o que nos turva os olhos, os dias e a vida.

Vivemos de um Silêncio alojado nos poros e de um alimento desnutrido. Tudo o que mata a esperança e o alento. Somos atraídos para as bermas de um mundo vazio e bolorento. Vivemos o desencanto e o desamor. As forças fracassam e o céu nunca se faz azul.

As luzes de Natal diluem-se...

E então já não é Natal.

Estamos de novo no centro dos dias entorpecidos. No turbilhão das cidades. No meio do silêncio que nos habita. Percorreremos então, o caminho até um novo Natal.

Porque ninguém está preparado para ser natal todos os dias. Porque somos o intervalo entre um natal e outro.